

EX-VOTOS DO BRASIL: RELIGIOSIDADE, PATRIMÔNIO CULTURAL, MEMÓRIAL SOCIAL

José Cláudio Alves de Oliveira

A etimologia da palavra *ex-voto* é originada do latim *ex-voto*, cuja preposição *ex* representa a 'causa de, em virtude de' e voto advém de *votum*, i 'voto', relativo *votum*, originado de *vovère* 'fazer voto, obrigar-se, prometer em voto, oferecer, dedicar, consagrar'.

As enciclopédias nacionais e estrangeiras seguem a mesma linha definidora dos dicionários, enfocando os quadros ou objetos suspensos em lugares sânticos, em cumprimento de promessa ou de memória de graças obtidas. Ou ainda: expressão de culto que quase sempre assume forma retributiva, concretizada na oferta de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou graça recebida.

De modo geral, em publicações ilustrativas e em dicionários, o *ex-voto* vem a ser o quadro pictórico, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, jóia, mecha de cabelo ou outro qualquer objeto que se ofereça ou exponha nas capelas, igrejas ou salas de milagres, em regozijo de graça alcançada.

Em alguns compêndios o *ex-voto* aparece como oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a Virgem Maria e aos Santos, na vigência do Cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes.

Dessa aproximação com a entidade superior, resulta, às vezes, a confecção de *ex-votos* artísticos. O agraciado, na impossibilidade de comprar peças industrializadas – a exemplo das de parafina – executa uma peça, em geral tosca, esculpida em madeira ou modelada em barro, para o pagamento da sua graça ao santo.

Esculápio, médico na Antigüidade, na Grécia, recebia daqueles a quem curava a reprodução do braço, perna ou cabeça do doente. Objetos que traziam em suas formas os traços, as marcas e os sinais, artisticamente detalhados, dos males ocorridos nas referidas partes do corpo. Esse costume se generalizou a partir dos gregos, tomando conta, por volta de 2000 a.C., de grande parte do Mediterrâneo, em locais sagrados, como os santuários, onde os crentes pagavam suas promessas aos seus deuses. Delos, Delfos e Epidauro, na Grécia, notabilizaram-se pela quantidade e qualidade dos *ex-votos* recebidos.

Os ex-votos, em termos de forma, trazem uma rica diversidade dos tipos e materiais em muitas salas de milagres pelo mundo católico. Para se ter uma noção, pode-se dizer que eles são formatados como antropomorfos, zoomorfos, simples, especiais ou representativos de valor, tradicionais e industriais.

Antropomorfos são os que representam o corpo humano, no todo ou em parte, em desenho, esculturas, pinturas ou fotografias; *zoomorfos* são as representações de animais; *simples* são os objetos de uso cotidiano e religioso, como as fitinhas, os vestidos brancos e os sapatos, entre outros, que possuem valor pessoal do crente; os *especiais* ou *representativos de valor* são os ex-votos que, economicamente, têm valor monetário e de características orgânicas. Como exemplo pode-se citar moedas, objetos artísticos considerados de grande valor e bens de consumo imediato (como pequenos sacos de feijão, arroz e milho). Foi-se o tempo em que o dinheiro, em espécie, era depositado em salas de milagres. Fato que hoje não se encontra. Os exemplos dos orgânicos estão, principalmente, para os miomas colocados *in vitro* e expostos nas salas de milagres. Dos orgânicos, os mais curiosos são os olhos (globos oculares), também *in vitro*, documentados no santuário da Penha da Paraiba, em João Pessoa.

Quando se fala em *tradicionais*, procura-se dizer dos ex-votos clássicos que, artisticamente, possuem formas escultóricas e pictóricas, que vem de uma tradição temporal, histórica, e que por isso formam os denominados “milagres” e/ou “promessas”. Exemplos mais clássicos são as cabeças, os braços, pernas etc., de madeira, barro ou até mesmo de cera, encontrados nos santuários e salas de milagres. (V.fig. 1 e 2)

Objetos trabalhados em madeira tem valor artístico incomparável, pois representam testemunho da crença de um indivíduo, ou seja, um objeto representativo à vida religiosa de um cidadão, algo que possui valor cultural e individual, proporcionando respaldo em fatores que são ligados à educação, a economia, política ou saúde, a depender do conteúdo que traz a sua iconografia.

A museóloga Maria Augusta Machado da Silva (1981, p.67), classifica os ex-votos em duas categorias vinculadas a distintos processos culturais. A primeira é a *mágica*, que corresponde a estágios primários de relacionamento com a divindade ou seus agentes. A segunda é a *mágico-religiosa*, que tem como forma de expressão a paraliturgia popular.

O pensamento de Silva está voltado para um processo de magia que, em tese, é o poder do ex-voto – diante da reza, do gestual no momento da desobriga e da própria fé –

concretizar o milagre. A autora, então, vê o ex-voto como objeto que, junto à crença popular, consegue trazer ao crente aquilo que fora almejado.

Diante da definição sobre o ex-voto, é de suma importância separar os conceitos daquilo que vem a ser a *alminha*, o *voto* e o *pedido*. O primeiro diz respeito às ofertas em cumprimento às pessoas mortas, quando nas salas de milagres são colocados os votos de descanso diante de Deus. Já o voto ao santo, demonstra o uso ou a tradição de manter cerimoniais ou uso corrente de algum amuleto ou nome pessoal. Assim, por exemplo, pode-se dizer, o uso de figas, pingentes, ofertas de caruru, ir em romaria, levar romeiros, acender velas em dias determinados, de dar nomes de santos aos bebês, e outros aspectos, são *ações votivas*.

O pedido nada mais é do que solicitar que a graça seja alcançada. Prometer ao santo algo que poderá ser pago com o voto ou com um ex-voto testemunhal em algum espaço. Já o conceito de *ex-votivo* refere-se a apenas o ato voltado a uma ação posterior, e vencida, ao pedido.

Geralmente, o ex-voto, no seu processo comunicacional, passa pela desobriga, o ato de se curvar, ajoelhar-se e ter a sua reverência ao santo protetor, para, em seguida, depositar o testemunho na sala de milagres ou num canto da igreja, em meio ao cerimonial de reza individualmente feita, o que se configura em um **ato ex-votivo**.

Dessa forma fica esclarecido que, se um romeiro for à igreja, vestindo uma bata, está cumprindo um **voto**. Porém, se ele, além disso, retira a bata para depositá-la em alguma parte da igreja ou na possível sala de milagres do templo, estará cumprindo uma **ação ex-votiva**.

Depreende-se do pensamento de Silva e de outros grandes teóricos que pesquisaram os ex-votos, como Luiz Beltrão (2004) e Clarival Valladares (1967), o aspecto testemunhal do ex-voto, que exige um processo de comunicação social, que vem desde as formas testemunhais ex-votivas de representação iconográfica da graça obtida, envolvendo a ocorrência que motivou a graça (doença, obtenção da terra para plantar, da casa, do carro etc.) à sua colocação em um espaço tido como “dos milagres” para uma trifurcação: do pagador da promessa ao padroeiro, e deste aos observadores atônitos na exposição criada pelo povo.

Outro fator importante é o regionalismo, notadamente percebido nos santuários e também focado por Márcia de Moura Castro (1979) e Clarival Valladares.

Para Castro (Id, p.111) o que predomina em Minas Gerais são os ex-votos pictóricos. Uma predominância que, quantitativamente, dá a Minas Gerais “o polo principal dos ex-votos pictóricos”, em tese denominados Tábuas Votivas Mineiras. Isso ocorre principalmente em Congonhas, no santuário do Bom Jesus de Matosinhos.

As tábuas votivas mineiras, à semelhança das portuguesas, são quase sempre de aspectos ingênuo. (v. fig. 2) Nelas foi empregada a mesma técnica, igual disposição de elementos e em sua maioria os mesmos santos são invocados. No plano inferior destaca-se a verbete relatando a passagem histórica mostrada numa cena congelada entre um leito com dossel azul e o enfermo embrulhado em cobertor branco e rosa, do lado direito do espectador a imagem do Bom Jesus de Matosinhos entre nuvens. O verbete traz:

Merce que fez o Senhor do Bomfim a Maria da Silva que estando sua sogra doente de bixigas já desenganada de serujõens e Medicos e apegadoce Com o Seu Senhor log teve saúde da sogra no anno de 1778. (1)



Fig. 1. Ex-votos tradicionais em Juazeiro do Norte, CE.



Fig. 2. Ex-voto tradicional em Congonhas, MG.

Trata-se de um exemplar setecentista tradicional de Minas Gerais, clássico, região que teve o predomínio de quadros que representam doentes que muitas vezes encontram-se deitados na cama do quarto, cercado por parentes que rezam juntos, diante da imagem do padroeiro que pode vir como um pequeno quadro na parede ou surgindo entre nuvens, numa menção de presença e apoio aos pedidos. Travesseiros e lençóis, na maioria dos exemplos, são brancos, que demonstra o capricho do pintor nos detalhes das rendas e bordados, assim como nos desenhos da colcha adamacada, que dá um toque colorido ao conjunto.

Por outro ângulo, Clarival do Prado Valladares (1967) elucida os ex-votos do sertão com características que fogem completamente dos ex-votos de Minas e de São Paulo. Valladares dedica grande parte do seu texto aos aspectos dos ex-votos do sertão, que para ele são produtos de exportação, em grande parte, para as capitais nordestinas. Para o autor, os ex-votos do sertão são de extrema singeleza de forma e indicações, ao contrário dos de desenho e pintura narrativas dos riscadores de milagres de Minas Gerais. (VALLADARES, p. 17)

Os ex-votos do Sertão caracterizam-se pelo hieratismo da figura, sempre submetida a relevante contrição numa excessiva gravidade que é o ponto de aferição entre a figura humana e o seu relacionamento ao sobrenatural.

Porém, o que percebemos hoje é uma rica tipologia que se estende por todas as salas de milagres, isento de quaisquer regionalismos que possam existir. Podemos perceber ex-votos esculpidos, embora de parafina, em Congonhas e em Aparecida, da mesma forma que o vemos em Juazeiro do Norte. O que se deve ressaltar é que a estrutura em madeira é mais predominante no Nordeste, mas que, diminutamente, se encontra em São Paulo e em Minas Gerais. Assim como a rica pintura em Matosinhos, que, em estética diferenciada pode ser encontrada no Bomfim de Salvador e Trindade, em Goiás.

O Ex-voto como documento

O conceito de documento se liga à noção de testemunho, de fatos acontecimentos e atitudes marcadas em um momento da história, seja ela individual, coletiva, política, econômica etc.. Este conceito nos conduz a todas as abordagens que a ciência histórica permite numa visão abrangente da ciência que possibilita fugir de definições estanques e restritas. Posições que conduzem o conceito de documento a pedaços, maços e páginas de papéis encontrados em arquivos, bibliotecas, museus e repartições públicas e privadas.

Um testemunho é um documento e *vice-versa*. Então ele está em todas as partes dos espaços ocupados pelo homem. O documento é um símbolo representativo das atitudes e do desenvolvimento de cada aspecto cultural. Ele está em praças, nas ruas, nos corredores, nas lojas, no antes e no depois de um fato cultural. Ele está em uma igreja, em um campo de futebol, no carnaval e muitos outros – senão em todos – culturais.

O documento adentra em instâncias arqueológicas e antropológicas, apresentando vestígios os mais variados possíveis, ligados a fatores biológicos e químicos dos comportamentos humanos, encontrados nos sítios arqueológicos.

Documento, pois, é tudo. E quando ele vai marcar um momento proporciona significado para uma imediata ação cultural. Ou seja, o objeto-testemunho será auxiliar ao homem para um fato cultural que será concretizado, mas que, antes de sê-lo, já testemunha o tipo de acontecimento. Já anuncia algo, inclusive decodificado por quem passa por ele.

Um grande exemplo está numa prateleira de uma sala de milagres, cheia de ex-votos tradicionais, Eles são símbolos testemunhais do movimento de crentes que pagam as suas promessas, testemunhos da permanência da religiosidade naquele local (V. fig. 3).

O ex-voto faz parte de uma crença. Em direção ao santuário, antes da festa do padroeiro, ele está no cantinho da carroceria do caminhão pau-de-arara. Um objeto apenas. Visto por todos que participam da romaria como um “milagre”. Será o objeto-testemunho da graça que o fiel pede ao padroeiro, ou então da graça alcançada. Fora da sala de milagres o pequeno objeto já representa a futura reza, gestual e desobriga. As pessoas no caminhão olham-no e compreendem o porquê daquele objeto naquele canto, naquele momento. Compreendem mais ainda, que aquele objeto artístico, dentro de algumas horas estará na sala de milagres do santuário, palco da própria romaria.



Fig. 3. Ex-votos tradicionais. Cabeças em parafina. Sala de milagres do santuário de São Judas Tadeu, MG.

O ex-voto, após a desobriga, será o testemunho da crença religiosa. Ele, junto a tantos outros no espaço da sala de milagres, será uma variedade documental que reflete e registra a memória coletiva, esteja ela imbuída de valores sociais ou culturais.

Como documento, o ex-voto testemunha vários tipos de atitudes do homem, demonstrando ambições, medo, felicidade, amor etc., expressões vistas em bilhetes, cartas, maquetes, cabeças, objetos industriais e uma infinita tipologia ex-votiva que vem se renovando em diversos suportes que acompanham a contemporaneidade. (Fig. 4)



Fig. 4. Variação de ex-votos em Matosinhos.
Detalhe para os DVDs de bodas de ouro

Os ex-votos são um dos raros meios de investigação no mundo do silêncio daqueles que não sabem escrever. Eles, no campo da história, são uma fonte rica de investigação do social e da arte. Por pouco que sejam, levam-nos aos segredos das consciências da sociedade, dos momentos, do cotidiano, do indivíduo, dos valores que permeiam o contexto social. (VOVELLE, 1989, p.88)

Como objetos expostos em uma sala de milagres, eles demonstram a fé, a crença, a procura da comunicação do fiel com o seu padroeiro. A exposição em uma sala de milagres nos leva de imediato ao sagrado e à religiosidade das pessoas que vêm de longe, em diversos meios de locomoção, ou até mesmo a pé, para pagar ou pedir uma graça.

No processo da comunicação em uma sala de milagres se percebe a grandeza da fé, da dimensão da religião católica, que se estende a lugares distantes, que não têm obstáculos que impossibilitem ao crente cumprir a sua desobriga.

O ex-voto, como já referenciado, pode ser qualquer objeto. Em sociedade, ele é visto no comércio, na venda, em pequenas barracas e armazéns, a frente dos santuários, que vendem diversos tipos de ex-votos, mantendo o emprego daqueles que vivem da venda.

Mas vale lembrar que apenas os ex-votos tradicionais são, nas barracas e armazéns de venda, reconhecidos como *promessas* e *milagres*. Ao passo que os objetos que não ganham conotação de promessas, milagres e ex-votos serão considerados como tais quando depositados na sala de milagres. Isso pode acontecer com objetos do porte de vestidos, chapéus, reproduções de pinturas e esculturas de santos etc..

Permanecendo no mundo do comércio o ex-voto tem ao seu lado o artista, os raros riscadores de milagres e os santeiros, artistas que ganham a vida fazendo ex-votos ainda pintando os seus quadros e esculpindo em madeira de lei as peças encomendadas. Ou aqueles trabalhadores que vivem próximos a santuários como do Bom Jesus de Matosinhos (MG), Círio de Nazaré (PA), Bom Jesus do Bomfim (BA), ganhando a vida na feitura das variadas formas de ex-votos em parafina. Todos competindo com os formatos industrializados produzidos no interior de São Paulo. Hoje, o que mais se vê próximo a muitos santuários são pequenas barracas e lojas com ex-votos tradicionais de cera à venda.

Hoje, em alguns centros de peregrinação, não mais se encontra os riscadores de milagres e os santeiros. Juazeiro do Norte, um dos maiores centros de romarias, é um exemplo. Nessa cidade, que fica a 680 km de Fortaleza, não há artistas que pintam quadros ex-votivos. Ao contrário das regiões de Congonhas e Aparecida do Norte, onde se pode encontrar os riscadores de milagres e santeiros, ainda que em número bastante pequeno.

A fotografia, uma das invenções que ocorreram no século XIX, teve papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 1989, p. 14)

Foi a partir do século passado que pintores retratistas entraram em concorrência com os fotógrafos retratistas que, por encomenda, faziam retratos de pessoas e do cotidiano da cidade e também passaram a trabalhar como documentadores em expedições de biólogos.

Nesse processo da fotografia, os ex-votos, a partir da década de 1950, não ficaram de fora. Dessa data em diante o número de riscadores de milagres começou a diminuir. A popularidade da fotografia propiciou a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística – e, portanto de ampliação dos horizontes da arte -, de documentação e denúncia, graças à sua natureza testemunhal. Justamente em função deste último aspecto ela se constituiria, também, para romeiros, crentes e visitantes de santuários, em ex-votos. (V.fig. 5.)

As pessoas passaram a “denunciar” acidentes automobilísticos através de fotografias, depositando-as em salas de milagres. Cerimônias de casamento e reuniões de família também foram e ainda são fotografadas e colocadas nas salas de milagres. Mas a maior difusão de ex-votos fotográficos fica a cargo das fotos 3X4, que em quantidade nas salas de milagres dos santuários do Senhor do Bomfim, Candeias e Aparecida do Norte, é de número assustador, superando a quantidade de qualquer outro tipo de ex-voto.



Fig. 5. Ex-votos fotográficos.
Nossa Senhora Aparecida. SP

O santeiro é outro personagem que ganha, mesmo que muito pouco hoje, com a fé ex-votiva e que se projeta como profissional criador de objetos sacros. Ele não é necessariamente um riscador de milagres. Os seus santos podem ter outros fins que não sejam uma sala de milagres. Embora hoje se encontrem em abundância santinhos bem trabalhados em salas de milagres de santuários do porte de N. Sra. Aparecida, Bom Jesus da Lapa, Círio de Nazaré, Penha da Paraíba, São Cristóvão (SE) e Juazeiro do Norte. Santinhos bem trabalhados, produzidos em Caruaru e Canindé, regiões que têm tradição na arte escultórica de santos, sejam modelados em barro (cerâmica cozida), sejam esculpidos em madeira. E os santinhos, paulistinhas, produzidos em série em São Paulo, exportado para todo o Brasil. São os santinhos de gesso, que se difundiram nesse campo a partir do final da década de 1950 no Estado de São Paulo.

Certamente que, com essa industrialização dos santinhos, o santeiro e o riscador de milagres, perderam muito do seu campo de trabalho. Tanto é que hoje não se encontra santeiro próximo ao santuário do Senhor do Bomfim ou no santuário de Bom Jesus da Lapa. Isso para citar apenas dois exemplos de grandes centros de romarias brasileiros.

O ex-voto, hoje, além desses fatores vinculados à venda, à sua feitura enquanto objeto artístico ou industrializado, é um objeto que, através de fotografias, pinturas, esculturas e desenho, elucida questões socioculturais que refletem em assuntos da economia, habitação, política, saúde, educação, acidentes e violência. É em toda essa captação do social que o ex-voto se mostra um rico objeto.

Memória e religiosidade

Para Bérqson (apud BOSI, 1979, p.8), o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. Bérqson está centrado no princípio da diferença: de um lado, o par *percepção e ideia*; de outro o *fenômeno da lembrança*.

A observação de Bérqson a propósito da natureza e das funções da memória só pode ser avaliada com a devida justeza quando posta em relação com o contexto da sua obra filosófica, em que se interpenetram e se iluminam mutuamente as definições de memória, tempo, *devir*, energia, que trazem uma rica fenomenologia da lembrança que ele perseguiu em sua obra, bem como uma série de distinções de caráter analítico, que auxilia na compreensão do museu – e outras *mídias* – como sistema que objetiva, também, a preservação, processamento e divulgação de fatos, acontecimentos e histórias, fatores pertinentes à lembrança, aos *flash backs* de um passado distante ou recente.

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros *signos* destinados a evocar antigas imagens. (BERGSON, 1999, p.183).

Segundo Ecléa Bosi (1979, p.9), o que o método introspectivo de Bérqson sugere é o fato da *conservação* dos estados psíquicos já vividos; conservação que nos permite escolher entre as alternativas que um novo estilo pode oferecer. A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de pensamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa “reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade de nossa experiência adquirida” (Id.).

Embora em Bérqson a meta seja entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção, faltalhe, a rigor, um tratamento da memória como fenômeno social. (LE GOFF, 1996)

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas de forma homogênea, num processo onde ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: “lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado”. Na visão de Bosi a *Memória-Hábito*, que se adquire pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. “Ela faz parte de todo o nosso adestramento cultural”. (Ib)

Há outro tipo de memória social que está no outro extremo e que seria a “lembrança pura, quando se atualiza *Imagem-Lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida”. Ela tem “data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a *Memória-Hábito* já se incorporou às práticas do dia-a-dia”. Esta “parece fazer um só todo com a percepção do presente” (BOSI, 1979, p.9).

É essa lembrança e memória, guardada por cada um, em casa, em memoriais e museus, em salas de milagres e em cemitérios, que podem ser difundidas, socializadas para entendimento de fontes históricas, como acontecimentos e fatos, para compreensão como fora o passado para a compreensão das mudanças até o presente, num ritmo *ex-post-facto* (2).

Para Lévy (1999, p. 78). A memória humana possui dois momentos, o de curto e o de longo prazo. O primeiro momento é considerado do trabalho, que mobiliza a atenção. “Ela é usada, por exemplo, quando lemos um número de telefone e o anotamos mentalmente até que o tenhamos discado no aparelho”. O segundo momento necessita da construção de representações “quando uma nova informação ou um novo fato surge diante de nós”, pois “esta representação encontra-se em estado de intensa ativação no núcleo do sistema cognitivo, ou seja, está em nossa zona de atenção, ou muito próxima a esta zona”.

Numa sala de milagres o processo da memória social, respaldado nas representações simbólicas e iconográficas, nas proporções gramaticais que elucidam acontecimentos de famílias, do laço coletivo e do individualismo de cada cidadão.

A lembrança do que se passou e está sempre lembrado pelo ato do depósito do ex-voto; o hábito do pagamento da promessa; a estética de uma sala de milagres que traz a infinidade colorida dos ex-votos variados representativos de acontecimentos de passados distantes ou imediatos. Sonhos, tristezas, paz, amor, alegria, realizações, dores... Fatores que são lembrados e marcados num espaço religioso que, num processo comunicacional, traz aos observadores histórias de sujeitos ocultos dos museus e de outras mídias clássicas, agora em um lugar mais democrático que possibilita qualquer um apresentar o seu acontecimento, esteja ele implicado em uma agonia, esteja entrelaçado da alegria amparada pelo seu santo padroeiro.

Bibliografia

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2004.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291 p. il.

BÓSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. 402 p. il. (Biblioteca Letras e Ciências Humanas)

CASTRO, Márcia de Moura. “O ex-voto em Minas Gerais e suas origens”. In: **Cultura**, Brasília, a.8, n.31, p.106-112, jan./mar. 1979.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989. 110 p.(Princípios)

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34. 1999. 203 p.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. *Semiologia dos ex-votos no Brasil: simbolismo e comunicação religiosa*. In: **IX LUSOCOM** - Congresso da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação. São Paulo: UNIP, 04, 05 e 06 de agosto de 2011. (Anais em CD)

Projeto Ex-votos do Brasil. Disponível em <http://projetoexvotosdobrasil.wordpress.com>. Acesso em 28 de junho de 2012

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN; MEC, 1981. p. 120. il.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Riscadores de Milagres: um estudo sobre a arte genuína**. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica; Salvador: Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1967. 171 p. il.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução de Maria Júlia Goldwesser. São Paulo: Brasiliense, 1987. 416 p.

Notas

¹ Transcrição ipis literis, sem a sintaxe gramatical. T.A.

² Algo “realizado ou formulado depois de certo fato e com ação retroativa”. In: Dicionários Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?stipe=k&verbete=ex-post-facto&x=11&y=6>. Acessado em 28 de setembro de 2004. O termo aplicado aqui referencia também ao tipo de pesquisa que leva o mesmo nome, cuja técnica é entrevistar pessoas (testemunhas) que possam testemunhar as mudanças ocorridas em determinados espaços, como ruas, jardins, bairros etc.. Método utilizado pela Sociologia, Turismo e Antropologia, que visa verificar as transformações ocorridas.